

A INDÚSTRIA VIMARANENSE

FOLHA ÚNICA

PUBLICAÇÃO DA IMPRENSA VIMARANENSE

Commemorando a abertura da primeira exposição industrial DE GUIMARÃES

Guimarães, 15 de junho de 1884.



NAREGERÁ geralmente demasiada immodestia que um concelho, a quem sobra a indiferença publica, se abalançasse a fazer uma EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL.

Os seus iniciadores não tiveram cuidado em vista organizar uma festa de mera ostentação, nem tam pouco nunca pensaram surprehender o publico com uma collecção de productos, cujo acabamento nada deixasse a desejar.

Está visto que cada um havia de fazer o melhor que podesse; mas este melhor estando limitado a um machinismo antigo e por assim dizer primario, a exposição não poderia ostentar evidentemente estas maravilhas da industria moderna que nas grandes exposições estrangeiras provocam a admiração das multidões.

Havia, porém, um motivo para pôr de lado quaesquer considerações e fazer esta tentativa.

Tendo a mechanica moderna, auxiliada por enormes capitaes, revolueionado a industria fabril em todos os paizes civilizados do mundo, a nossa tem continuado a viver aqui humildemente com os seus velhos instrumentos de producção, procurando sómente na habilidade manual a perfeição e barateza que aliás lhe devia ser dada economicamente por machinas e ferramentas aperfeçoadas.

A situação tornára-se extremamente delicada. A concorrência estrangeira, minando-a e cerceando-a todos os dias, está pondo em risco a subsistencia de milhares de pessoas e uma parte da riqueza nacional. A falta de instrucção technica, a aprendizagem imperfeita e não regulada, a indiferença dos poderes publicos, a carencia de capitaes e instrumentos aperfeçoados, vão operando dia e noite uma solução desgraçada.

Era tempo, pois, de tentar um esforço. Começar por uma exposição estava naturalmente indicado.

Agitar a população fabril e convence-la a lançar-se n'uma tal empresa, a ella que tem vivido sempre na penumbra e como que abandonada, é

muito; mas não é tudo. O tudo é a união das vontades. Se se convencerem todos da força immensa de que poderão dispôr, se reunirem e disciplinarem os seus esforços, se se convencerem que um dos grandes males que afflige o trabalho local é a desunião e o indifferentismo de cada um em relação aos interesses geraes, se em vez de partidos meramente politicos levantarem outro que se proponha sobretudo a reorganisação da industria concelhia, se ao lado d'elle organisarem sociedades d'estudo que procurem a soluçõ das questões que lhe dizem respeito, se enfim se formular claramente uma vontade decidida d'obter o rejuvenescimento das antigas e historicas industrias de Guimarães, os iniciadores e organisadores da exposição dar-se-hão por satisfeitos, quaesquer que fossem as contrariedades com que tiveram d'arcar para dar este primeiro passo definitivo no novo caminho.

ALBERTO SAMPAIO.

OS TECIDOS NA ANTIGUIDADE

(Esboço)

OS povos do Oriente, os mais proximos do lugar em que teve origem a humanidade, foram os primeiros a formar sociedades. Do convívio social nasceram as artes. Noema, irmã de Juba e de Tubal-Cain, inventou a arte de fiar e urdir para fabricar estofos. Os Hebreus, não achando este trabalho proprio do homem, entregavam-no ás mulheres, naturalmente mais sedentarias e mais propensas e afeiçãoadas aos trabalhos domesticos. Na Escriptura, a mulher fia e urde o linho e a lã.

Os Gregos, discipulos dos Phenicios, professavam igual conceito. Fizaram de Juba o seu Apollo, inventor da musica; de Tubal-Cain o seu Vulcano, deus dos ferreiros; de Noema a sua Minerva, que presidia á fiação das obras de lã. Homero, cujos poemas são o fiel transumpto dos usos e costumes do seu tempo, apresenta-nos na Odysséa, Penélope, Calypso e Circe entregues á tecelagem. Este uso prevalecia em Athenas nos tempos da sua mais erguida civilisação: as mulheres, separadas dos homens, e encerradas nos seus quartos, trabalhavam em fioho, fazendo os vestidos e os moveis.

As damas romanas viviam menos retiradas; mas, apesar do fausto e corrupção que senhoreavam Roma no tempo de Augusto, este imperador trazia

ordinariamente vestidos confeccionados por sua mulher, por sua irmã ou pelas filhas. Esta encantadora simplicidade não resistiu ao luxo requintado a que se entregou a corte dos Cajs e dos Neros e que invadiu por completo o imperio. Estabeleceram-se gynecaeus, ou edificios publicos, em que trabalhavam grande numero de mulheres por conta exclusiva dos imperadores.

No tempo de Galliano, apreciava-se sobremaneira os pannos d'Arrás, de que se serviam os Romanos para as suas vestes militares, chamadas—*sagum*.

No Occidente, não se trabalhava senão em lã, e os estofos, segundo refere Pliniô, eram de felpa ou rasados. Muito tempo havia, porem, que o commercio dos Gregos e dos Orientaes fizera conhecer aos Romanos a purpura. Os Phenicios foram os primeiros inventôres d'este precioso tecido, a acreditarmos em J. Cesar e Cassiodoro. A purpura da Getulia e da Laconia foi tida em grande estimação, apesar de muito inferior á tyria.

Duas especies de mariscos serviam para colorir este estôfo: o *murex* e o *bucinum*. A pequena quantidade de materia colorante que se extrahia d'estes molluscos, e a necessidade de a empregar antes da morte do animal, tornavam a purpura extremamente cara.

Posto que a purpura fosse, em todos os tempos, muito estimada em Roma, o bordado d'agulha era, n'esse paiz, d'um uso mais antigo. Foi n'este sentido um dos presentes das doze cidades da Toscana, subjugadas por Tullus-Hostilius. Os Toscanos aprenderam este systema de bordar dos Phrygios, que o tinham aperfeiçoado,—se é que não foram os inventores.

Se os Phrygios eram eminentes no bordado, os Babylonios eram-o no fabrico das tapessarias. Estes, nos estofos que manufacturavam, representavam, com uma arte inegalavel, figuras d'um colorido brilhante e surpreendente. Taes eram os tapetes que sempre estiveram em voga no Levante,—e é de crêr que, entre os Hebreus, Beseleel e Oliab fizessem n'esse gôsto as cortinas e o véo do Tabernaculo.

Ignôra-se a origem das tapessarias: o que pode dizer-se affoitamente, sem quebra de verdade, é que esta especie de manufacturas deve o seu progresso ao restabelecimento da pintura.

Só no tempo do Imperio é que os Romanos começaram a fazer uso do linho. Este tecido, cujo emprego era muito anterior ao tempo de Alexandre Severo, era importado do Egypto e da Phenicia.

Os Romanos só muito tarde conheceram os tecidos de sêda, que compravam aos negociantes estrangeiros. Qual era, porém, essa especie de sêda, tão preconizada na antiguidade, e que no tempo de Aureliano se vendia a pézo d'ouro? E' um ponto que resta averiguar.

Os modernos estofos de sêda não eram communs no tempo dos imperadores. Quando Julio Cezar cobriu de sêda o theatro por occasião d'uma representação, julgou dar, d'esse modo, um grandioso exemplo de magnificencia publica.

Tiberio prohibiu o uso da sêda aos homens, a quem, diz Tacito, o luxo tão exagerado por certo

aviltaria. Este tecido, que procedia da ilha de Cos ou da Assyria, tinha uma mistura de linho, e chamavam-lhe *sub-sericae*. Depois de Heliogabalo, foi todo de sêda—*holosericae*.

Justiniano creou em Constantinopla, Athenas, Thebas e Corintho as primeiras manufacturas de sêda, pouco tempo depois que dois monges, procedentes da India, trouxeram o bicho da sêda e a maneira de o crear.

Roger, rei da Sicilia, depois de conquistar as cidades gregas, estabeleceu manufacturas de sêda em Palermo e Calabria, no anno de 1130,— industria que, em seguida, se propagou pelo resto da Europa.

Guimarães, Junho de 84.

ADOLPHO SALAZAR.



HOUVE tempo em que a industria era considerada cousa vil e desprezivel, e a officina do artista logar, cuja frequencia desdourava. Hoje a industria e as artes dão a medida do progresso e civilisação d'um povo, a modesta loja do trabalho é tão respeitada e digna como um palacio, e os proprios reis consideram glorioso o cognome d'artista.

D'antes o trabalhar era opprobrio; hoje é honra, porque é cumprir um sagrado dever, venerar uma lei da natureza humana: o homem nasceu para trabalhar, como a ave para voar, disse Job.

Os tropheus mais gloriosos d'um povo são os conquistados n'estas luctas incruentas do progresso em que o vencedor ensina com o exemplo, o melhor dos mestres, e o vencido aprende e se estimula.

A exposição vimaranense é a glorificação do trabalho, é a affirmação mais positiva de que esta velha patria de Affonso Henriques caminha sem alarde e a passos firmes na vanguarda do progresso.

Hurrah pela industria de Guimarães!

A. MOTTA PREGO.



HONTEM os povos dominados pelo fanatismo, faziam a apothose da gloria no sangue derramado no campo da batalha; hoje que a luz irradia, a gloria é o diploma, o sangue o trabalho, a arena da lucta o certamen.

ANTONIO GUIMARÃES.



Doas palavras a proposito da exposição

NÓ presente momento historico em que esta cidade, verdadeiramente notavel pelas suas honrosas tradições, pela multiplicidade das suas industrias e pelo largo desenvolvimento do seu commercio, procura com desvelado empenho, porque

tem a exacta comprehensão dos seus direitos e deveres, conservar com brio o lugar de honra que indisputavelmente lhe pertence, é justo, é uma necessidade imperiosa do espirito de quem observa e admira tanto esforço, tão provada dedicação civica, levantar um brado entusiastico d'applauso e de louvor.

Muito se tem feito já, mas é forcoso confessar que ha ainda muitissimo que fazer, que é urgente persistir com coragem, sem hesitações nem duvidas, na gloriosa luta pelos legitimos interesses moraes e materiaes d'esta terra, que é tão nobre e tão digna. No dia em que seus filhos, inspirando-se nos proprios sentimentos, obedecendo ao generoso impulso do seu coração, conseguirem pelos seus esforços, pela sua fecunda iniciativa, regular o serviço dos menores, no sentido de aproveitar as suas pequenas forças, conhecer as suas aptidões, proporcionando-lhes ao mesmo tempo uma educação physica, moral, religiosa e litteraria que os habilite a serem mais tarde cidadãos honestos e artistas laboriosos, pode afirmar-se que se deu um grande passo no caminho do bem, que está definitivamente assegurado o futuro e o bem estar da sociedade em que vivemos.

Guimarães, junho—81.

CAMPOS HENRIQUES.



A Exposição industrial de Guimarães assignala o advento d'uma nova phase social d'esta velha povoação. Realizada sem protecção official, é a auspiciosa continuação de factos que vão constituindo o novo cyclo de fecundas iniciativas particulares.

Esta exposição não é um certamen, onde disputem primasias industrias congeneres da mesma região, ou do mesmo districto: é uma prova autentica, exhibida pelas classes d'industria d'um concelho, das benemerencias technicas dos seus fôcos productores.

Não tem por fim unico o estudo: vae revelar uma injustiça. Não se deve a ambição de melhorias immediatas de commercio: é um acto de brio, é um desforço legitimo, tão pacifico, como energico.

Condiz a energia á cidade, que não vive de parasitismos, mas alimenta a sua força do proprio trabalho independente e honesto.

Como nas perigosas ascensões aos pinaros nevados das montanhas a surpresa dos largos horizontes absorve o espirito dos viajantes, e lhes compensa fadigas e privações, assim a nossa exposição, como uma ascensão arrojada a um ponto culminante de progresso, abrirá á industria de Guimarães horizontes desconhecidos, compensações inesperadas, segredos ignorados, as profundas commoções d'um triumpho.

E' a primeira exposição concelhia: a primazia, que nobilita, deve-a Guimarães á benemerencia dos seus concidadãos, ao pundonor do seu commercio, á actividade da sua industria.

Para a historia industrial de Guimarães, o palacete de Villa Flôr avulta como um monumento.

AVELINO GUIMARÃES.



D'ENTRE os homens uteis de Portugal destacam-se aqui algumas dezenas de lidadores, que, n'um certame a que a civilização preside, vem, com provas á vista, afirmar hoje ao paiz o quanto póde um estudo aturado, e o quanto vale um persistente querer: são os industriaes, são os artistas de Guimarães.

Sem uma eschola profissional que os nortêe, geralmente mingoados de recursos até para a installação da officina, entregues a si e á sua pobreza, eil-os ali competindo em merito com os das grandes cidades, unicos que a burocracia nacional registra como dignos d'atención official.

Aonde se levantariam, ou aonde se levantarão elles, se os poderes publicos lhes dessem, ou lhes deren, a mão, não é facil conjecturar!...

Saudando, jubiloso, estes sacerdotes da religião do trabalho, tão prestimosos, e tão despremiados ás vezes pela sociedade que redimem, ufano-me delhes chamar conterraneos, e só me sombrea a alegria o não podêr sempre chamar-lhes felizes.

CONDE DE MARGARIDE.



A INDUSTRIA vimaranense, que vae expôr os seus productos no palacete de Villa Flôr, ha-de ter seus lisongeiros e seus detratores, quaes d'elles mais suspeitos.

Os arestos d'esta especie de julgadores serão vozes que passam e apenas ficará a apreciação e conselho da critica justa e desapaixonada, que os interessados devem escutar com a maxima atención.

Não é preciso ser propheta para prever que no juizo dos competentes as notaveis aptidões dos nossos industriaes hão de ser amplamente reconhecidas, mas ao mesmo tempo os deploraveis effeitos da sua quasi nulla educação artistica.

Não desconheciam este ultimo facto os que luctaram contra a opinião de que exhibir os nossos artefactos sem ser á sombra d'outras exposições espectaculosas, como a da arte ornamental, era arriscal-os ao menos-preço da maioria do publico. Esses taes veem o publico pela luneta de Champfort e talvez não errem; mas nós applaudimos sempre aquellos que persistem em vel-o como elle devêra ser.

O grande merecimento da exposição de Guimarães será o de mostrar, sem disfarces nem charlatanice, que este concelho possui forças industriaes respeitaveis que, se bem disciplinadas, sustentariam o seu posto d'honra na lucta contra a invasão da industria estrangeira que ameaca reduzir-nos á extrema pobreza.

Esta verdade ha-de impôr-se aos governos, que tomarem a serio o seu officio, e forçal-os a reparar as flagrantes injustiças que teem feito a esta terra; e pela nossa parte aconselharíamos os nossos compatrioticos a acabarem por uma vez com o papel de supplicantes. Quando os governantes, como o tyrannete antigo, teem as orelhas nos pès, o pedido ainda o mais justo obriga a uma posição humilhante. O que temos a fazer é cousa muito differente.

F. M. SARMENTO.

I

QUE vem a ser a magestosa seda que adorna os reis da terra e reveste os apóstolos da verdade?

E' o brilhante resultado da maravilhosa transformação por que passam as folhas d'uma arvore, chamada Amoreira!

Quem opéra este milagre? E' o trabalho, animado da sua virtude—a perseverança; fortalecido com a sua faculdade—a instrução; estimulado pelo seu direito—o apreço.

Que falta ao trabalho dos honrados artistas vimaranenses para operarem as grandes e perfeitas transformações?

Falta-lhes a instrução? Que responda o Estado.

Falta-lhes o apreço? Que o diga o capital, lá dos antros da sua mysteriosa circulação.

Falta-lhes a perseverança?

Nega-o triumphantemente a exposição industrial de Guimarães, cujo advento eu saúdo com todo o entusiasmo da minha alma e com todas as véras do meu coração!

II

Principia a confessar-se com uma certa vergonha que se descende d'um castello feudal.

Começa a dizer-se com uma certa ufania que se procede da officina d'um artista.—Eis ahí dois symptomas indicativos de que a civilisação avança e o christianismo triumphou.

III

O dia de hoje alevanta jubilosamente a segunda das duas grandes epochas que abalisam, com gloria, o periodo social da historia de Guimarães.

Estas duas grandes epochas ficam assignaladas no tempo e no espaço por dois grandiosos symbolos:—o castello venerando do berço da monarchia, d'onde se batalhou pela honra e pela independencia nacional;—o palacio de Villa Flór, onde se peleja pela honra e pela independencia individual.

E eu escuto com muita alegria o hymno que nos prenuncia e proclama o triumpho d'esta peleja:—é o sylvo da locomotiva!

ABREU VIEIRA.

TAMBEM Guimarães quiz, enchendo-se de brio, mostrar que se associava ao pensamento altamente civilisador que agita a presente geração, excitando-a a inventariar e colleccionar suas riquezas artisticas, e das mesmas fazer exposição. Nem esta antiga cidade, berço da monarchia, notavel já por tantos outros titulos que a nobilitam, se considera menos apta para entrar n'estas pugnas incruentas do que tantas outras, antes pelo contrario a muitas se avanta e sobreleva.

Escusado é agora n'este logar referir as immensas vantagens que resultam das exposições, por meio das quaes se patenteiam a nacionaes e a extranhos riquezas por ventura até então ignoradas.

E' hoje o dia da abertura official da exposição artistica, onde se vê que as industrias vimaranenses ainda não feneceram de todo, antes pelo contrario sustentam e conservam sua antiga reputação.

Louvoures pois aos promotores d'esta festa artistica, gloria e proveito aos expositores, e parabens a todos os habitantes desta cidade.

J. C. B.

CONVIDAREM-ME a inscrever o meu nome entre os dos collaboradores d'esta folha o mesmo é que alistarem me entre os iniciadores do commettimento que ella commemora, pois que a elles se deve a sua iniciativa. Mas, se n'este alistamento, como no das armas, ha voluntarios e obrigados, veteranos e recrutas, eu, tomando exemplo dos que não medem o seu esforço por essa distincção quando o amor da patria os obriga a todos, não só tomo lugar na fileira, como sinto não me haver apresentado voluntariamente, visto pois que o meu nome não entra por demais no livro dos alistados.

E' assim que eu sei corresponder ao convite com que me honram os que hoje são meus camaradas, porque, sem embargo de que outro cobrisse mais briosamente a fila que me toca, nem por isso deixo de a occupar com jubilo e firmeza, quando tenho de assistir em parada a uma das mais brilhantes festas da minha terra.

JOSÉ DE FREITAS COSTA.

O Engenhoso

I.—Data de longas eras o renome industrial de GUIMARÃES, agora de novo exalçado em certame festivo, assignalativo d'uma epocha inolvidavel.

Para esse renome industrial em tempos idos,

agora em publico memorados, era-lhe de sobra um *artista* apenas—o ENGENHOSO.

II.—Em 1562, lavrou este *vimaranense* uma MOEDA em Lisboa, com *data* e *letras* até então não vistas, nem vislumbradas sequer nas MOEDAS CONTEMPORANEAS.

Lavrou-a com *serrilha* o imaginoso artista, no alvo de não ser ella *cerceada* no giro monetario:—e andou n'isto com primor tal *João Gonçalves*, que PARA A MOEDA E PARA SI grangeára o renome de ENGENHOSO—nunca desde então olvidado nos *annas das artes*.

III.—Era de OURO esta MOEDA, *primeira da especie na epocha*, girando com o valor de 500 réis, e o peso de 38 024 decimilligrammas (76,8 em grãos).

No metal da *cunhagem*, era de 22 quilates o valor da liga—na forma do *afinamento* d'então, e entrando então tambem 60 peças em marco.

IV.—Continuou a ser lavrado o ENGENHOSO, na casa da moeda em Lisboa, até ao anno de 1565.

D'então por diante, não ha noticia de *cunhagem* alguma d'esta MOEDA, archivada em *medalheiro* de NUMISMATA conhecido.

V.—No *averso* do ENGENHOSO, ha no campo as *armas reaes*; e nos *lados*, as *letras G—A*, (exprimindo *Guimarães* o G.), com a *legenda Sebastianus. I. Rex. Portu.*

No *reverso*, ha no campo a Cruz da Ordem de Christo:—nas moedas de 1562, *cantonada* com a *data*, sem cortar a *LEGENDA In. hoc. signo. vices*:—nas MOEDAS de 1565, cortando então esta mesma *LEGENDA*.

VI.—No GUIMARÃES do illustrado *Padre Ferreira Caldas*, Tom. 1. Pag. 270, acham-se algumas linhas exalçadoras de *João Gonçalves*, a que estas poderão servir de *Complemento* na especie.

Nesse intuito as exaramos aqui, singellas e desprezenciosas, n'uma *ocasião solemne de supremo exalçamento industrial*, PARA O SOLO CONCELHO, de que somos filho com ufanía.

Braga, 1884.

O Professor do Lyceu, PEREIRA-CALDAS.



O TRABALHO, esta potencia gloriosa que determina a realza e o valor do homem social e que confere aos povos a prosperidade e opulencia quando se move na esphera do bem e da liberdade, estava aqui como esquecido e só com a sua actividade paciente, obscura e silenciosa á espera de uma voz amiga que lhe dissesse: Levanta o rosto e falla.

Essa voz ouviu-a o TRABALHO. Era a voz de um espirito luminoso que tinha a faculdade de se elevar á altura de um grande pensamento e de lhe dar corpo e vida na realisacão de uma obra assignalada, memoravel.

Ouviu-a e obedeceu.

Modestos industriaes, desacompanhados, em grande parte, dos auxilios da sciencia e do beneficio da escola, sahiram de suas humildes officinas e até do recesso ignorado de seus lares e vieram afirmar-

se em pleno dia e dizer á Patria: Nós somos o TRABALHO que começa a sentir a força de sua vitalidade e que desperta para a vida do progresso no sentido mais são, mais puro e mais sincero d'esta palavra cheia de seducções; o TRABALHO fecundo e persistente que vem ao encontro da *locomotiva*, saudar essa maravilhosa conquista do genio das sociedades modernas, e procurar ao mesmo tempo a luz e o espaço, e um logar decoroso ao sol da civilisacão contemporanea.

Deixae-o passar diante de vossos olhos na solemnidade d'este momento, deixae-o, alegre e desfogado, fallar, por um pouco, de si mesmo aos vossos ouvidos complacentes.

Leitores, vamos a Villa Flôr.

E' alli no meio d'aquella natureza encantada que se abraçou com a arte n'um delicioso devaneio, é alli por entre aquelle conjuncto indefinivel do sublime e do bello onde graciosas montanhas se alteam, onde pompea luxuriante o bosque e a campina, onde aves e flôres se dessedentam no cristal das fontes, onde se goza e sonha e fantasia e se sentem uns enlevos desconhecidos da alma; é alli n'aquelle meio que o TRABALHO procurou fallar-nos; é alli que nos fallam com sua pujante eloquencia, as grandes aptidões e a energia de um povo que quer e que merece ser contado no grande convivio do progresso; é alli que se abre ao entusiasmo e ás aclamações de quantos sabem o que vale uma nobre audacia e o que pode uma generosa tentativa, a exposicão industrial da cidade e do concelho de Guimarães.

S. DA COSTA VIEIRA LEITE.



M. de Laureatie escreveu n'uma das suas excellentes obras;

«Se educaes o povo para lhe dár costumes diferentes dos seus costumes, virtudes diferentes das suas virtudes, mudaes-lhe a natureza, quer dizer, «—não fazeis uma obra d'educação, fazeis uma obra de revolução».

Nada mais profundamente verdadeiro: nada que caracterise tão perfeitamente o que deve ser a educação do povo.

A educação popular é a grande questão da actualidade: a vida ou a ruina da sociedade depende manifestamente da soluçãõ que se der a esta questão.

Para se avaliar, d'um simples lance d'olhos, todo o alcance politico e social d'ella, basta attender ao fim a que deve visar essa educação.

Esse fim não pode ser outro, senão dar ao artista, ao industrial, ao commerciante, com uma forte instrucção professional, aquelle desinvolvimento de faculdades, aquella elevaçãõ e aprumo de caracter, que constituem essencialmente o homem intelligente, esclarecido, energico, activo, laborioso, honrado, e virtuoso.

Assim é, que por toda a parte hoje se com

preheende a necessidade de dar ás classes artistica, industrial e commercial, uma educação especial, que esteja á altura da sua influencia na sociedade moderna; porque tambem é bem sabido que são ellas, as que formam actualmente essa immensa multidão que se move, que pensa, que obra, que falla, que quer, que delibera, que se agita emfim á roda d'uma unica idea—a de derramar entre os povos a maior somma de bem-estar, aproximar e conciliar os seus mais remotos interesses, obrigar-os a auxiliarem-se mutuamente para alcançarem a maxima prosperidade, fazer de todos elles em fim a grande familia humana, a bella sociedade do genero humano.

As artes! A industria! O commercio! Quem ha ahí que desconheça o immenso valor, a altissima importancia d'estas—chamemos-lhe assim—tres grandes potencias da nossa natureza?

Por ellas tem o homem quasi mudado a face do mundo. Aproveitando as forças materiaes da natureza, sugitando-as, pondo-as ao seu serviço, tornando-as tributarias das suas necessidades, quer imitando o *bello*, quer produzindo o *util*, o homem tem posto em tudo o sello da sua actividade, e não ha no mundo um pequeno espaço onde não esteja assignalada a sua passagem por um producto d'alguma d'aquellas potencias.

Ora, o que faz o artista, o industrial e o commerciante, e o que, conseguintemente, dá maior relevo ás artes, maior desinvolvimento ás industrias, maior largueza ao commercio, é a instrucção, é a educação.

A EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL DE GUIMARÃES é uma avaliação das forças *naturaes* das nossas industrias, e ao mesmo tempo a mais exuberante affirmacção da sua importancia.

A magnifica installação dos nossos productos industriaes no palacete de Villa Flôr, este auspicioso tentame, com que uma população essencialmente obreira e industrial pertende mostrar quanto vale e quanto pode, apesar de desajudada de todos os meios d'instrucção e de educação, dá-nos direito a que, repetindo e invertendo em certo modo as palavras de M. de Laurentie, digamos aos poderes publicos:

—Não vos pedimos que nos alheeis do nosso meio, dando-nos escolas para uma alta educação intellectual: pedimos muito menos; pedimos só que nos deis escolas onde se possam desinvolver e aperfeiçoar as nossas aptidões artisticas e industriaes. Não vos pedimos uma obra de revolução; pedimos-vos simplesmente um instituto d'educação professional.

Podereis agora negar-no-lo?

A REDACÇÃO DA «RELIGIÃO E PATRIA».



GUIMARÃES REJUVENESCIDO

GUIMARAES, que parecia uma velha envolvida no manto gelido da indifferença e do abandono, entregue ás saudosas recordações da antiga Araduca, que lhe serviu de berço e de braços e de seios fecundantes, ao desenrolar-se d'esse manto surge uma houri encantada, cheia de frescôr e belleza e atavios, adornada de graças e de merecimentos, scintillante d'arroubos d'entusiasmo pelas fulgurantes scintillações do progresso nas suas mais caras applicações.

Tudo está no começar. Umás cousas nascem d'outras, como a civilisação do progresso e o progresso da liberdade.

Estas tres entidades, abstractas em si, vão concretizando-se n'este abençoado torrão; começam a tomar corpo e formas e vida e alma até.

A vida das sociedades é como a vida das flôres. Se estas tiverem mão amiga e cuidadosa, longe de se atropharem, como no abandono, desenvolvem-se mais vigorosas, reanimam-se, aformoseam-se; assim a sociedade, ramo do tronco de que a humanidade é raiz, ao impulso de protecção decidida, ao cuidado d'intelligencias robustas e de vontades avigouradas adquire uma vida nova, que encerra os encantos dos progredimentos, as bellezas da arte, as descobertas da sciencia, as applicações á industria, á prosperidade dos povos, que a tudo isto se chama civilisação.

E pelo mesmo motivo porque cada instituição e estado social encerra a instituição e o estado social de que nasce, e a instituição e o estado social que cria, por esse mesmo, Guimarães, a nossa terra querida, o berço da nossa infancia e de nossos sonhos doirados tem ante si abertas as portas d'uma prosperidade crescente ao impulso das vantagens que lhe fornece a viação accelerada, que possui, e as que lhe garante a exposição industrial que se inaugurou.

O artista em geral, falto de recursos pecunia-rios, não pôde procurar os centros onde floresça o ramo de trabalhos a que se dedica, buscando nas grandes officinas d'Allemanha, da Inglaterra, dos Estados-Unidos, da França, ou mesmo nos espalhados pelo nosso reino, mas algo distantes, um incentivo ao seu genio, uma inspiração ao seu talento, mas pôde, na exposição concelhia a que concorre com o que sabe, apreciar a differença dos trabalhos, a variedade dos meios empregados por eguaes concorrentes, estudando o modo de maior facilidade d'execução, de menor dispendio de materiaes ou de tempo, adquirindo d'esta sorte maior correcção na fôrma, maior harmonia no todo, maior belleza e seguridade no conjuncto.

A exposição é uma escola, aonde se não aprendem principios, mas se reforçam os adquiridos, se ganha o *gosto artistico*, se conhece o valor das cousas expostas, se aprecia o genio, as tendencias, o ideal dos manufactureiros, que por esta fôrma reunidos podem attingir o maximo da perfeição.

Tem alem d'isso uma vantagem decidida; servindo de padrão a demarcar o progresso ou decadencia de qualquer genero de trabalhos, excita assim a actividade particular ou mesmo a protecção

dos governos para este ou aquelle artefacto, para esta ou aquella industria.

O governo dos povos não consiste só na imposição de tributos, na cobrança rigorosa dos mesmos, na criação de leis oppressivas e repressivas, na escolha diligente das armas de maior alcance ou mais mortíferas e no exercicio violento de ensinar á força armada o seu manejo.

Tudo isto é bom, é util, é necessario para conter as massas. O governo, porem, deve ser alem de um juiz severo, um pae carinhoso. Cada membro de uma nação é um filho da mesma, que se tem deveres a observar, tem direitos a exigir. N'essa correlação de direitos e deveres é que se firma a economia social, que não é mais do que o auxilio ao individuo, a protecção á familia, que são os membros da sociedade, e a sua educação moral, artistica, scientifica ou industrial é a base da sua ventura, o motôr da sua prosperidade, o incentivo da sua quietação, o amor da sua patria e o respeito ás auctoridades constituídas.

De modo que, servindo estas exposições a mostrar o atraso de qualquer arte ou industria, forcem o governo, que se presa, a crear escolas profissionais, fornecendo auxiliares prestantes á boa vontade dos operarios.

Parabens a Guimarães por encetar n'este genero uma carreira que se nos antolha gloriosa, porque sendo este concelho distincto pela sua industria, notavel pelos seus artefactos, importante pelo seu movimento commercial, tem motivo para maiores prosperidades.

Parabens á SOCIEDADE MARTINS SARMENTO, a essa pleiade de cavalheiros distinctos, zelosos pelo bem da sua patria, incansaveis no auxilio que fornece e tem fornecido ás artes, ensinando os artistas e educando-lhe os filhos, e ás sciencias, creando um instituto, montando uma numerosa bibliotheca que offerece ao publico que quer dessedentar-se em veios tão limpídos, tão crystallinos, como a fonte d'onde manam—a boa vontade.

E parabens aos artistas, aos seus protectores os membros do commercio prestando-se a esse certamente glorioso, a essa lucta titanica do estudo contra a ignorancia, do trabalho contra a ociosidade, da probidade contra o aviltamento, da protecção contra o egoismo, do amor universal contra a dissolução da sociedade.

A redacção do IMPARCIAL.



Artistas Vimaranenses

No dia em que Rhodes levantou um altar a Minerva, cahiu sobre a ilha uma chuva de ouro.

(Pindaro, Olymp. VII).

GUIMARÃES, que dera ás Virtudes cultores indefessos, ás Lettras doutores inspira-dos e ás Armas athletas olympicos, exornou tambem com esbeltas estatuas o Pantheon das Artes.

Pois hoje que nos expandimos na glorificação d'ellas, evoquemos do tumulo os seus bem-amados, e reanimemos em phrase modesta essas estatuas colossos, revocando para elles o genio divino, que os inspirára.

Entremós reverentes no Templo immortal...

Aqui dentro, n'este vasto recinto, por entre uma selva cerrada d'estatuas eburneas, levanta-se musculosa a de MEM ANNES, o nosso primeiro artista na ordem chronologica. Encosta-se á forja crepitante, cujo fogo vivissimo lhe illumina a fronte com a aureola dos immortaes, e empunha na dextra o pezado martello, com que transforma em rendas o ferro esbrazeado. E', no seu seculo, o mais habil e o mais distincto serralheiro portuguez, florescendo no famoso reinado d'el-rei D. Diniz, que considerava já Guimarães como manancial fertilissimo d'artistas illustres.

Mais além avulta pensativa a estatua de GU VICENTE, que levantado sobre pedestal inabalavel cinge a fronte com duplice corôa, sustentando nas mãos a lyra e o buril. E' o nosso inspirado Plauto e ao mesmo tempo, na phrase de Pinto de Mattos, *o luvrante de prata* laureado em Lisboa. E' o thau-maturgo insigne, que na sua arte d'ourives produz milagres, que espantam o seculo!

Aqui é JOÃO GONÇALVES, que se levanta glorioso sobre um montão d'instrumentos mathematicos, tambem duplamente coroado com os diademas fulmineos da Sciencia e da Arte. E' o talento personificado, o vimaranense inolvidavel, que na mathematica fôra um assombro sem o auxilio das lettras, e na officina para si conquistára o cognome immortal de *Engenhoso* por antonomasia, como fundidor de moedas com peso e serrilha.

Depois é ROQUE FRANCISCO, descançando radian-te sobre um plintho de metaes preciosos e encimando-lhe a fronte as azas do Genio. Com ellas voou a paizes estranhos, onde fôra recebido com summo respeito e veneração profunda, como *primeiro e unico aquilatador do ouro e prata até então conhecido*. E' ainda o vimaranense ennobrecido com o encargo honrosissimo d'*ensaiador mór* das casas da moeda nos reinós de Portugal.

Mais adiante sobre uma ruma de ferramentas polidas ergue-se vigorosa a estatua melancolica de ANTONIO LEITE. Orvalha com suor abundante a bigorna ponteaguda, e n'ella malha e apura com paciencia artistica as mais finas laminas das alabardas e facas de matto até'li conhecidas. E', na phrase de C. Castello Branco, *o couteleiro de maior vo-ga em Portugal no seculo 17.º*

Segue-se alli FR. DOMINGOS DE S. JOSÉ VARELLA. Coberto com a magestosa cogula dos monges benedictinos, poisa a mão esquerda sobre o teclado do orgão emmudecido, que elle tão habilmente construiu, e aponta com a direita para um bosque frondoso, d'onde nos ensina a cortar as madeiras mais proprias para a melhor construcção dos varios instrumentos de musica. E' o sabio investigador dos phenomenos da harmonia, o alvo das admirações do cardeal patriarcha S. Luiz, e na phrase de Balbi *o sabio religioso e o excellentissimo organista*.

Mais alguns passos alem e alli deparamos com

a estatua ridente de JERONYMO DE BARROS FERREIRA. Apruma-se com o cavalleto ligeiro, sustenta a paleta matisada de cores e aponta o pincel com pulso firmissimo. E' o genio pictorico, que, esvoagando no templo, semea de flores e opulenta d'ornatos profusos e caprichosos as abobodas elegantes do altar das Trinas ao Rato e da capella de Santa Brigida no Lumiar.

FRANCISCO JOAQUIM MOREIRA DE SA, fidalgo illustre e poeta mimoso, não se reclina aqui á sombra inútil da arvore genealogica, mas antes se encosta ao tronco productivo do papyro frondoso. Aperta com tenacidade a prensa hydraulica e d'ella extrae, como *invenção sua*, o primeiro papel fabricado de residuos vegetaes com exclusão do trapo. Despojado da gloria d'um tal invento pelos allemães e francezes, que a queriam para si, é nobremente defendido pelo nosso illustre conterraneo Dr. Pereira Caldas na sua «Vindicação da prioridade do fabrico de papel com massa de madeira».

Em *pendant* com o nosso famoso Mem Annes, serralleiro do seculo 13.º, levanta-se o d'este seculo, MANOEL JOSÉ DA SILVA CERQUEIRA. Encosta-se, como aquelle, á forja ruidosa e como elle maneja o martello pesado. Toma nas mãos o ferro em bruto e, malhando-o na bigorna compacta, faz d'elle primores de serralleria, que lhe conquistam em Londres honrosissimos premios e entre os seus lhe asseguram renome immortal.

Taes são, entre muitos, os colossos gigantes, que Guimarães levanta no Templo das Artes. Outros ainda hoje no seculo dia a dia conquistam diplomas de gloria igual!

Para esses por enquanto o nosso respeitoso silencio, que o Genio os coroará mais tarde e as tubas da Fama estrepitosas terão de os enaltecer insuspeitas.

A EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL VIMARANENSE, que acaba de inaugurar-se, é seguro penhor da gloria immortal dos filhos do trabalho e aponta-nos com dedo seguro um futuro risonho e prospero.

Risonho e prospero, sim; porque, terminando á imitação de Pindaro—no dia em que GUIMARÃES levanta um altar a Minervá, cahe sobre seus campos uma chuva d'ouro.

Do «ESPECTADOR».

A NOSSA exposição prende-se a uma serie de empreendimentos intimamente ligados entre si sob uma disciplina commum, que tem por fim o progresso de Guimarães na esphera intellectual e economica.

Para isso tem sido necessario improvisar as coisas e improvisar os homens. O povo, que dá tal documento de vitalidade, parece que pode confiar no futuro, se não perder a energia do seu braço e do seu pensamento.

DA «REVISTA DE GUIMARÃES»

A industria de Guimarães

A EXPOSIÇÃO industrial, promovida n'esta cidade por cavalheiros, cuja capacidade intellectiva este empreendimento gloriosamente assignala, está destinada a marcar na historia do trabalho da terra, em que foi effectuada, uma epocha digna de registro cuidado e reflectido.

Na transformação das sociedades, que é o labor continuo dos tempos, podemos desde já assegurar que um dos aspectos que reveste a evolução geral da humanidade, porventura a sua intima essencia, é a substituição do regimen militar pelo regimen industrial, convergindo para as luctas pacificas do trabalho as energias que anteriormente a esta *étape* do desenvolvimento social, revestiam nas pelejas armadas dos povos hostis, uns para com os outros, e nas dissensões mais crueis dos proprios povos entre si mesmos.

O trabalho, chegada a humanidade a esta phase do seu progresso ininterrupto, não pôde mais ser considerado como uma grilheta de castigo, chumbada ao homem soffredor; mas sim como o destino glorioso, que procura adaptar o ser vivo melhormente e cada vez mais superiormente ás condições de sua existencia especial.

Ora, para que esta comprehensão do trabalho se radique nos entendimentos é força dignificá-lo, fazendo sentir a todos a sua função civilisante, e tornando-o d'uma fatal necessidade n'um consciente estímulo de progresso.

As exposições industriaes são o meio mais effizaz de conseguir a realisação d'este nobre intento.

Por ellas, se congregam os esforços separados, que é conveniente se conheçam uns aos outros; ellas são o symbolo d'uma nova vida collectiva, e a representação da humanidade mais pura, para que o futuro reserva todas as palmas e todas as recompensas.

Ellas dão ao trabalhador o consolo dos successos e facultam á actividade o brio dos confrontos. De forma que, premiando o presente, preparam o porvir, e rasgam para as localidades productoras horisontes, que não se enxergariam, se obscuramente ellas continuassem a exercer o seu tradicionalismo laborioso sem innovações e sem modificações,—prolongação de rotina de que tarde ou cedo advem a morte.

Guimarães representa de longa data na historia manufactureira do paiz um papel importantissimo, na tecelagem, na cutelaria, nos cortumes, na ceramica, e em variadissimas outras especies da tecnologia industrial.

A perseverança, o talento ingenito dos seus operarios, o tino e a boa vontade dos seus industriaes assignalam a esta terra logar relevante no progresso da nossa patria. E', pois, da mais alta necessidade que estas qualidades magnificas se não obliterem, pela persistencia em moldes acanhados, antes se alarguem e se fortifiquem de modo a ga-

rantir os vastos empreendimentos que, enriquecendo o fôco da produção, irradiem, como logica consequencia natural, pelo paiz inteiro.

Nada como a exposição de industrias e artes pode concorrer no sentido que deixamos apontado n'estas linhas modestas.

Pelo exame dos modelos do trabalho vimaranense, na sua diversa especialisação, se verificará o grão que se attingiu até esta data, se reconhecerá o que convem procurar realisar para a final perfeição d'este ou d'aquelle genero de produção. A noticia d'este certamen atrahirá as attentões, não só do paiz, como do estrangeiro para a industria de Guimarães, contribuindo assim para augmentar o consumo nos mercados já abertos, e para crear mercados novos. Os capitaes, seguros de que o trabalho lhes promette condigna retribuição, affluirão progressivamente para fomentar o desenvolvimento de ramos industriaes, que á penuria de recursos vegetariam em processos rudimentares. O desenvolvimento da localidade será o corollario longinquo, talvez, mas incontestavelmente seguro, que fechará o cyclo d'estes benefícios.

Filhos de Guimarães, congratulamo-nos com vehemencia por estas provas de vitalidade, dadas pela nossa terra bem amada. Ellas nos testemunham que á cidade, que tem na historia politica de Portugal a gloria immorredoura de ser o ponto de partida da autonomia do paiz, o futuro reserva um capitulo valiosissimo no progresso geral da nacionalidade que só pode persistir, resistindo no conflicto actual, pelo bem temperado da moderna arma de combate, que é hoje o trabalho tenaz, productivo e progressivo.

Por este motivo, e firmados em considerações d'esta natureza, é que tomamos mão da penna para consignar ao civilisador empreendimento da exposição de Guimarães a nossa adhesão ardente, votando-lhe as nossas mais entusiastas saudações.

DO «COMMERCIO DE GUIMARÃES».



EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL DE GUIMARÃES

CONDIÇÕES REGULAMENTARES

Art. 1.º A Exposição Industrial de Guimarães, iniciada pela Sociedade Martins Sarmiento e resolvida pela assembléa dos fabricantes, productores, e diversos negociantes d'esta cidade em 24 de Fevereiro d'este anno, será aberta no 1.º de junho proximo, e será installada no palacete de Villa Flór, propriedade do Exc.^{mo} Sr. Antonio de Moura Soares Velloso, que o concedeu gratuitamente para este fim.

§ A Exposição durará pelo menos um mez, mas poderá ampliar-se por mais tempo, se assim o julgar conveniente a commissão central.

Art. 2.º A Exposição comprehenderá sómente

os productos da industria fabril da cidade e concelho de Guimarães, e será dividida em 6 grupos:

1.º GRUPO

Educação e elementos de estudo:

Papel.
Trabalhos typographicos.
Encadernação.
Photographia.

2.º GRUPO

Mobiliario e seus accessorios:

Moveis e objectos de decoração d'habitações.
Moveis baratos e utensilios domesticos.
Obras de verga e palha.
Productos de olaria; *louça de barro, vasos, etc.*
Obras de serrelharia e fundição; *moveis de ferro, etc.*
Ditas de cutelaria e ferraria; *facas, gorfos, esporas, fechaduras, etc.*
Ditas de funileiro.
Ditas de caldeireiro.
Ditas de latociro.
Objectos de ourivesaria.
Relogios.
Pentes de chifre, etc.

3.º GRUPO

Tecidos, vestidos e accessorios:

Fio de linho.
Tecidos de linho em branco; *lisos, adamascados, em relevo, etc.*
Ditos de algodão e mixtos em branco, de todas as especies.
Ditos de algodão e mixtos tingidos; *cotins, riscados, etc.*
Bordados e rendas.
Obras de sirgueiro.
Vestuario; *obras d'alfaiate, roupa branca, etc.*
Armas portateis.
Objectos de viagem; *scollaria, correame, etc.*
Calçado, etc.

4.º GRUPO

Machinas

Carruagens e outros vehiculos.
Apparelhos e machinas de qualquer uso ou applicação.
Utensilios industriaes de qualquer especie.

5.º GRUPO

Productos alimentares manufacturados:

Farinhas e pão.

Confeitaria.
Conservas de todas as especies.

6.º GRUPO

Industrias extractivas e suas transformações :

Productos d'exploração florestal; *madeiras, cortiça, etc.*

Ditos agricolas não alimentares; *linhos e lãs, sedas.*

Ditos chimicos e pharmaceuticos; *sabão, cera, coto, colla, aguas mineraes do concelho, plantas dos estabelecimentos thermaes, etc.*

Ditos de tanneria; *couros cortidos.*

Ditos de tinturaria; *fito d'algodão tingido, etc.*

Art. 3.º Os expositores deverão fazer a requisição do logar que lhes fôr necessario, até 20 de abril; e terão conhecimento do que lhe foi distribuido até 30 do mesmo mez.

Art. 4.º E' cedido gratuitamente aos expositores o logar que occuparem. A installação correrá por sua conta.

§ 1.º A installação e disposição dos objectos serão todavia feitas sempre d'accôrdo com a commissão central ou seu representante, de modo que tudo se disponha da fórma a mais conveniente.

§ 2.º Ficarão a cargo da commissão central as despesas de installação, quando os expositores não tiverem os meios sufficientes, ou quando assim seja mister para completar collecções.

Art. 5.º Os expositores poderão vender e entregar logo no acto da venda qualquer objecto, uma vez que tenham as suas collecções sufficientemente abastecidas, de modo que o possam substituir immediatamente por outro do mesmo typo. Todo o preço da venda será livre para o vendedor.

§ Exceptuam-se da disposição anterior os objectos que forem installados por conta da commissão central, que só poderão ser retirados, assim como os objectos singulares, no fim da exposição.

Art. 6.º Os industriaes d'um grupo ou d'uma secção d'elle poderão fazer reunidos a installação e a exposição dos seus productos, ou uma, ou outra,

devido n'este caso a commissão central ou seu representante fixar d'accôrdo com elles as necessarias combinações.

Art. 7.º O jury será formado por peritos que a commissão central designará em tempo opportuno.

Art. 8.º Os premios serão diplomas de 1.ª, 2.ª e 3.ª classe.

Art. 9.º No dia d'abertura da exposição cada subscriptor terá um bilhete d'entrada gratuita, valido para depois da solemnidade da inauguração. Os bilhetes d'entrada para as outras pessoas n'esse dia e nos oito seguintes custarão 200 reis cada um. Nos restantes o preço de cada bilhete será de 100 reis.

§ 1.º Terão entrada gratuita os expositores e o pessoal que lhes fôr necessario, tanto para a guarda como para a venda dos seus objectos.

§ 2.º A commissão central ou seu representante resolverá acerca da distribuição gratuita de bilhetes ás pessoas, a quem julgar de conveniencia; assim como designará, se entender conveniente, alguns dias d'entrada livre para qualquer classe especial da população.

Art. 10.º A commissão central resolverá opportunamente sobre as disposições policiaes necessarias, que afixará no local da exposição.

Art. 11.º Poderão ser admittidos, se o espaço o permittir, n'uma secção á parte, machinas, aparelhos, instrumentos, etc., de qualquer procedencia, uma vez que tenham applicação ás industrias representadas. N'este caso todas as despesas serão pagas pelos respectivos expositores.

Art. 12.º Poderão tambem ser admittidos, ficando fóra do concurso, productos não fabricados no concelho, mas que façam parte do seu commercio e que sejam encommendados pelos negociantes de Guimarães.

Art. 13.º Os casos ommissos serão resolvidos pela commissão central ou seu representante, consoante a conveniencia dos expositores.

NOTA.—Ulteriormente resolveu-se que o dia d'abertura fosse a 15 de Junho e os preços de entrada 100 reis nos dias em que nos jardins do palacio tocasse uma banda musical, e nos outros 50 reis.

